





# SONHOS AOS CACHOS

**Augusto Carlos**

**com**

Catarina Tavares, Madalena Vasconcelos, Emilia Cid,  
Bohdan Piklhyk, Inês Soares, Bruna Castelo  
(Alunos da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos – Lisboa)



**Rotary Club  
Lisboa-Estrela**

Título original:

Sonhos aos Cachos

Autores:

Augusto Carlos, Catarina Tavares, Madalena Vasconcelos, Emilia Cid, Bohdan Piklhyk, Inês Soares, Bruna Castelo

Capa e paginação:

António Cardoso

© 2011 Agrupamento de Escolas Eugénio dos Santos

Biblioteca Escolar – EB 2,3 Eugénio dos Santos

Lisboa

1ª edição

Tiragem: 99 ex.

ISBN: 978-989-97143-1-1

DL: 327383/11

Impresso em Portugal / Printed in Portugal

Impresso por Interdidáctica

## **DEDICATÓRIA**

*A todos os Alunos da  
Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos.  
Que a imaginação nunca vos abandone!*



## ÍNDICE

<b>PALAVRAS PRÉVIAS</b>	<b>9</b>
<b>PREFÁCIO</b>	<b>11</b>
<b>PREÂMBULO</b>	<b>13</b>
<b>SONHOS AOS CACHOS</b>	<b>15</b>
<b>VILANKULO</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>15</b>
<b>O DRAGÃO MÁGICO</b> <i>Catarina Tavares</i>	<b>23</b>
<b>A MADEIRA DE UMBILA</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>27</b>
<b>A ALDEIA MISTERIOSA E O REI SIMPÁTICO</b> <i>Madalena Vasconcelos</i>	<b>33</b>
<b>PELOS CÉUS DA MINHA TERRA</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>35</b>
<b>A CORUJA FALANTE</b> <i>Emília Cid</i>	<b>41</b>
<b>UM MUNDO MAIS JUSTO</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>43</b>
<b>A GRUTA ASSOMBRADA</b> <i>Bohdan Piklhyk</i>	<b>47</b>
<b>O PRIMEIRO VOO</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>51</b>
<b>O MUNDO SUB-REAL</b> <i>Inês Soares</i>	<b>55</b>
<b>A SURPRESA</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>57</b>
<b>O MEU MUNDO</b> <i>Bruna Castelo</i>	<b>61</b>
<b>O MUNDO DAS CORES</b> <i>Augusto Carlos</i>	<b>63</b>





## PALAVRAS PRÉVIAS

Um aniversário é sempre um motivo de alegria.

Tratando-se de 60 anos — celebramos este ano o 60.º aniversário da Escola Eugénio dos Santos — essa alegria só pode ter sido multiplicada. Registamos a sua estrutura sexagenária e as “rugas” que tal idade acarreta, mas a par dessas marcas do tempo, apraz-nos verificar que partilhámos muitos percursos, cativámos muitos amigos, que também nos cativaram e com quem o (re)encontro é sempre uma festa. Esta foi, seguramente, a maior lição que aprendemos. E que esperamos ter ensinado...

Estas palavras prévias visam tão só expressar um bem-haja a cada um dos muitos que, ao longo deste já longo caminho, por qualquer forma, contribuiu para que nesta partilha surjam exemplos como o que aqui se apresenta.

A Directora

*Hermínia Maria Ventura Rodrigues Silva*



## PREFÁCIO

*Poisasse a primavera os pés neste ramo e então  
haveria  
talvez uma flor desmedida à superfície da vida*  
**Ruy Belo**

O Centro de Recursos Educativos/Biblioteca Escolar da Escola Básica 2,3 Eugénio dos Santos pretende com a publicação deste livro promover a escrita de uma forma estimulante, desenvolvendo e criando naturalmente capacidades criativas construtivas nos alunos participantes.

Como o exemplo e o acto participativo são condições pertinentes neste processo, mais do que o «policiamento que tradicionalmente é feito à escrita das crianças»<sup>1</sup> em contexto escolar, onde apenas o professor decide da qualidade da produção literária, reivindica-se, desta forma, a liberdade de expressão e criação escrita a partir do encontro com o escritor Augusto Carlos.

Optámos, assim, por adoptar uma metodologia baseada nas teorias de Freinet<sup>2</sup>, «o primeiro a reclamar para a linguagem falada e escrita a liberdade de expressão...», estimulando «nos alunos a capacidade de escrever, não quando ao professor parecesse conveniente, não sobre tema imposto, mas quando cada criança desejasse e a respeito do que quisesse»<sup>3</sup>.

A ligação a um autor consagrado pode ser um marco importante no desenvolvimento técnico e pessoal, onde a escrita ocupa o espaço reservado a uma intimidade

---

<sup>1</sup> Santana, Inácia (2007) – A Aprendizagem da Escrita. Porto: Porto Editora.

<sup>2</sup> Celéstín Freinet: pedagogo francês que deu origem ao movimento da Escola Moderna.

<sup>3</sup> Fontes, Vitor [et all] (1971) – A Criança e o Livro. Lisboa: Horizonte.

particular que urge libertar de uma forma sã e harmoniosa, desenvolvendo a literacia, a auto-estima e a cidadania.

A disponibilidade do escritor Augusto Carlos é um marco na cooperação com os seus leitores, assim como na responsabilidade assumida de transmitir a necessidade de *nunca deixarem morrer a criatividade, a vontade de sonhar, a alegria de viver e de brincar.*

Aqui fica o agradecimento oficial a este autor e a todos os outros que, nos próximos anos lectivos, estiverem disponíveis para assumir este compromisso com o futuro através dos sonhos das crianças.

Para os alunos que participaram nesta verdadeira colectânea de sonhos fica este legado em Livro, como testemunho dos fantásticos voos que iniciaram nesta Escola.

E que essa capacidade de voar vos leve cada vez mais longe, em novas viagens cada vez mais audazes.

O Professor Bibliotecário

*António Cardoso*

## PREÂMBULO

Já lá vão uns meses desde que o professor António Cardoso, da Escola EB 2,3 Eugénio dos Santos, me dirigiu o desafio de escrever uma estória com os alunos.

Gosto de desafios, por isso aceitei este. No entanto, tenho de confessar que estava longe de perceber todo o alcance do desafio que acabava de aceitar. Escrever um livro com os alunos é estar disponível em tempo útil para prosseguir com a estória mas é, sobretudo, estar à altura da imaginação criativa de jovens, felizmente ainda não tocados pela peçonha que grassa nas sociedades e que transforma criaturas positivas e alegres em seres domesticados e tristonhos.

Terminado este trabalho, quero afirmar ter sido, para mim, um imenso prazer nele participar. Quero ainda, se me é permitido, pois agora é a minha vez, fazer um desafio a todos os jovens que nele participaram e a todos os que o lerem, para que nunca deixem morrer a criatividade, a vontade de sonhar, a alegria de viver e de brincar.

O meu bem-haja,

*Augusto Carlos*



## SONHOS AOS CACHOS

### VILANKULO

*Augusto Carlos*

Olá, sou o Malaquias e estou a falar de Vilankulo. Sim, de muito longe. Vilankulo fica situado na costa de Moçambique, a Norte de Maputo, em frente ao arquipélago do Bazaruto. Sim, esse arquipélago onde muitos estrangeiros gostam de passar suas férias. O teu Presidente da República também já cá esteve há dois ou três anos. Consta que se divertiu bastante.

Resolvi escrever-te por carta porque o computador do meu amigo rico avariou. Sim, deves estar admirado, por cá só tem computador quem tem família abastada. Os outros já ficariam satisfeitos se tivessem papel e caneta ou lápis para escreverem. Estas folhas que te dirijo foram desenrascadas na mercearia do Sr. Matias que fez o favor de mas oferecer, depois de eu ter implorado muito. Afinal este papel não teria um destino qualquer, ele iria chegar à Europa – o continente desenvolvido. Por isso, o Sr. Matias me ofereceu estas folhas. Lá no seu íntimo, a viagem delas era como que se ele viajasse também. Ao dar-me as folhas, ele sentia-se já como que dentro do avião. Voando sobre as nuvens de que, desde que nascera, só conseguira contemplar a face virada para a Terra. Agora, as coisas seriam muito diferentes, estas folhas de papel teriam como que olhos que funcionavam por controlo remoto. Uma vez dentro do avião, por cima das nuvens, estes olhos olhariam

cá para baixo, contemplariam a outra face das nuvens e Matias poderia satisfazer a sua imensa curiosidade.

A aquisição das folhas foi uma coisa muito complicada. De início, o Sr. Matias, quase num insulto, disse-me:

– O quê? Papel? Você pensa que eu ando a roubar ou quê? Papel é um bem muito precioso. É com o papel que se faz o dinheiro com que se compra tudo! Você quer papel para brincar? Está doido ou quê? Não vê que eu faço contas no papel de cartuxo velho? Não vê que os seus amigos aprendem a escrever no chão, limpando o terreno e escrevendo com um pauzinho? O quê! Você quer estragar dinheiro? Eu tenho passado a vida a poupá-lo. Eu ainda não saí desta terra. Ainda não viajei. Todos os dias, olho para as nuvens e vejo sempre a mesma face – a que está virada para mim. Tenho de poupar dinheiro para voar de avião e furar as nuvens e, lá por cima delas, ver a outra face. Ah! Aí o Matias vai ser um homem de verdade. Um homem que se distingue dos seus companheiros de infortúnio. Um homem que viu a outra face das nuvens. Está a entender?

O Sr. Matias tinha razão. Tudo o que ele afirmava era verdadeiro. As escolas lutavam com falta de material. Canetas, papel, lápis, quadro, carteiras, salas de aula, tudo era um luxo. Contudo, a vontade era maior do que as dificuldades. A vontade tudo ultrapassava. Assim, não admirava que a frondosa copa dum cajueiro fosse o edifício escolar perfeito nos dias em que não chovia. Assim, igualmente, não admirava que o solo afagado fosse a ardósia indispensável onde, com um pauzinho, os alunos imprimiam as letras que formavam as palavras que, por



sua vez, significavam ideias de coisas que lhes iam nas cabeças. Como podes ver pelo que te conto, não foi fácil conseguir estas três folhas de papel. De início, ouvi com muita atenção a rabugice do Sr. Matias. Depois, com muita calma e discernimento, pois a atrapalhação é o maior inimigo do espírito, tentei procurar a ponta da meada que me levaria às preciosas folhas de que tanto necessitava. Pensei, pensei... E como não abandonei a loja de imediato, o Sr. Matias perguntou:

– Então! De que estás à espera, não ouviste o que te disse?

Muito a medo, mas com a ideia nas folhas, fui dizendo:

– Sabe Sr. Matias, eu compreendi muito bem o que o senhor me disse. Todavia, fiquei sensibilizado com o seu problema de nunca ter visto a outra face das nuvens...

– Sim! E daí? – resmungou o Sr. Matias.

– Daí que eu esteja a pensar que talvez o pudesse ajudar...

– Ajudar! Ajudar como?

– Bem... digamos...

– Fala de uma vez. Não tenho todo o tempo do mundo para te estar a ouvir.

– Sabe, se me desse as três folhas de papel, eu iria escrever uma carta para o meu amigo Ribeiro que vive em Portugal...

– Muito bem, irias escrever uma carta. O que é que eu ganho com isso?

– Bem, a carta irá de avião, o avião voará sobre as nuvens... e as suas folhas de papel, quase uma extensão dos seus olhos, verão a outra face das nuvens. É certo que

o Sr. Matias não vai nesse avião, mas pode ter a consolação de as suas folhas fazerem a viagem por que tanto anseia.

Matias, pensativo, manteve-se um pedaço de tempo com os cotovelos em cima do balcão encardido, segurando a cabeça, revestida de carapinhas esbranquiçadas que haviam fugido do cocuruto, com as mãos também encardidas e enrugadas que esticavam as faces para cima, bem como as pontas do bigode rarefeito. Depois de muito meditar, concluiu:

– És capaz de ter razão, Malaquias, convenceste-me. Pega as três folhas de papel. Escreve direitinho e com letra pequenina para que possam caber nelas muitas palavras. Conta ao teu amigo as dificuldades que eu estou passando aqui em Vilankulo. Diz-lhe que eu sei que na Europa quase todos viram a outra face das nuvens. Aqui em África, a maioria das pessoas fica feliz de ver a face que está virada para a Terra pois isso significa que ainda estão vivos, que conseguiram encontrar comida no dia anterior. Mas eu não me conformo. Eu tenho a minha cantina. Eu vou juntar dinheiro e vou voar muito alto, vou ver o outro lado das nuvens. Contudo, enquanto esse momento não chega, as minhas queridas folhas de papel branco vão fazer esse percurso.

Feliz, saía da loja com as três folhas de papel na mão, quando Matias me chamou:

– Esconde essas folhas debaixo da T-shirt. Não queres que venham fazer queixa à minha mulher sobre o meu desperdício. Mais: que os teus amigos não me larguem a porta com pedidos do género.

Escondi como pude as folhas por debaixo da camisola. Não ia muito descansado pois as folhas eram muito brancas e contrastavam com o tecido encardido para além de espreitarem descaradamente pelos buracos que ela continha.

Agora que já te contei a odisseia que foi ter conseguido as três folhas brancas que te envio, vou falar-te um pouco do que foi conseguir o envelope com características para ser remetido de avião. Como deves calcular pelo exposto, não tive coragem de pedir ao Sr. Matias o obséquio de me disponibilizar um envelope.

Aos poucos, fui escrevendo esta carta. Desculpa ir escrita em duas cores de tinta. Acontece que a esferográfica azul acabou, não tendo outra da mesma cor, recorri a uma de tinta preta. Sei que irás compreender. Quando a carta estava concluída pôs-se-me o problema do envelope. Então, falei com o meu pai, à hora do jantar, quando o apanhei bem disposto. A minha mãe havia cozinhado caril de amendoim com camarão seco acompanhado por farinha de milho cozida, um prato que ele muito aprecia e nós também. Ele limpava os dentes com um pauzito que acabara de afiar com a navalha, quando eu meti conversa:

– Pai, acabei de escrever uma carta para um amigo português...

– Desde quando é que tu tens amigos portugueses?

– É o Ribeiro. Esteve cá de férias no Samara (magnífico *lodge* plantado à beira do Índico).

– Tu conheces toda a gente. És um metediço.

– Não, pai. Ele é meu amigo porque quis sê-lo. Eu não obriguei. Como o pai sabe, eu vou lá ao *lodge* vender artesanato. Os pais do Ribeiro foram muito simpáticos, comprando-me algumas peças. Como o Ribeiro é da minha idade, trocámos experiências e ficámos amigos. Eu costumo falar com ele pela INTERNETE, mas o computador do Ramiro avariou, então resolvi escrever uma carta. Já está escrita. Falta- -me só o envelope.

– Falta-te só o envelope?

– Sim...

– E os selos?

– Ah! É verdade. Depois desenrasco os selos.

– Arranjas-me cada uma... – foi o meu pai a resmungar para dentro do quarto.

Quando regressou, trazia um envelope na mão, dizendo-me:

– Pega lá este envelope, era onde guardava as poucas notas que nos restam. Logo, logo arranjarei outro recipiente para as guardar.

Como vês, o envelope foi-me mais fácil de arranjar do que as folhas. Tinha a carta fechada mas faltavam-me os malvados dos selos. Malvados é uma forma de dizer, pois como podes ver são bastante bonitos e coloridos. Estão ornamentados com motivos do nosso quotidiano: frutos, aves, animais... tudo coisas de que muito gosto.

Com a carta na mão, fui aos correios. Tremia ao pensar que não ta conseguiria enviar por falta de dinheiro para os selos. Levei comigo todas as poupanças que me restavam da venda de artesanato. Não foram suficientes, mas o

senhor dos correios foi compreensivo e assim consegui enviar-te esta missiva.

Espero que os problemas do computador do Ramiro se resolvam para que possamos continuar a falar pela INTERNETE, é muito mais fácil. Estou feliz por poder dizer ao Sr. Matias que as suas folhas de papel já viram o outro lado das nuvens.

Não me quero alongar muito, espero que estejas de saúde e que voltes de férias a Vilankulo, para podermos brincar mais uma vez. Sabes que houve aqui um grande temporal que arrancou até as folhas dos coqueiros? Dizem que foi provocado pelas alterações climáticas... Não sei muito bem o que é isto, mas ouço dizer que os países desenvolvidos estão a poluir a atmosfera o que provoca estes desequilíbrios. Seja lá o que for, espero que não volte a acontecer, pois pensei que era o fim.

Um abraço do amigo

Malaquias



## O DRAGÃO MÁGICO

*Catarina Tavares*

Amigo Malaquias,

Estou a escrever-te porque recentemente recebi uma carta tua.

É o meu pai que costuma ir à caixa do correio para ver a correspondência e, ontem de manhã, disse-me assim:

– Ó Ribeiro! Recebeste uma carta. É do teu amigo Malaquias, lá de Moçambique.

– Ele escreveu-me uma carta? Mas ele disse-me que lá não tinha papel para a escola, quanto mais para enviar cartas! - respondi eu espantado.

Abri o envelope e li a carta. Aí percebi as aventuras e desventuras que tiveste para a conseguires enviar. Tinhas razão quanto aos selos, são muito bonitos e com motivos da tua terra.

Resolvi começar a escrever esta carta no meu computador portátil porque, para ser sincero, às vezes não me ajeito lá muito bem com a caneta. Tencionava imprimi-la mas, tive um problema parecido com o teu, como me esqueci de ligar o computador na ficha a bateria foi-se abaixo e, como não tinha gravado o trabalho, tive que começar a escrever tudo de novo. Mas, desta vez, com caneta e papel.

De vez em quando lia mais uma vez a tua carta para me sentir em Moçambique, pois quando aí estive diverti-me imenso.

Às vezes lembro-me de quando a minha bola ficou presa na árvore e tivemos de trepar até lá acima para a

apanhar. Também me lembro de quando estávamos a nadar na praia e pusemo-nos a fazer uma guerra de algas a fingir que eram bolas de neve.

Cá em Portugal, como estou de férias, tenho ido muitas vezes para a casa dos meus avós, que têm um quintal enorme e é onde costumo andar de baloiço. Lá perto existe uma mata onde eu costumo passear de manhã com a minha avó. À tardinha costumo ir com ela ao café comer um pão com manteiga e beber leite com chocolate. De seguida vou para um polidesportivo praticar *ténis*.

Gosto muito de praticar desporto, talvez por isso o meu pai me tenha inscrito na natação. Não é para me gabar, mas já nado muito bem.

Ontem foi um dia especial, fui ao cinema com os meus pais ver um filme chamado *O Dragão Mágico*. Comi muitas pipocas e bebi um sumo. Gostei muito do filme, principalmente do dragão, que era muito colorido e que cuspia fogo pela boca.

Como cheguei tarde a casa, a minha mãe preparou-me uma ceia que eu gosto muito, pão de passas com manteiga e leite. Depois fui para a cama. Nessa noite tive um sonho fantástico.

Sonhei que estava em Moçambique contigo e com o dragão do filme, mas este estava um pouco diferente pois, em vez de cuspir fogo cuspia alegria e quem a apanhasse podia ficar com ela. Ficámos amigos do dragão e ele levou-nos a dar uma volta à Terra com o Sr. Matias, fomos à Europa para ver aquilo que ele sempre desejou. É difícil descrever ao certo como foi a sua alegria ao ver a outra



face das nuvens, alegria essa que redobrou ao pisar em terra firme. Estava tão feliz!

Depois fomos ao espaço e pousámos nos planetas Marte, Júpiter e Saturno. Não pudemos visitar todos os planetas do sistema solar porque entretanto acordei e, curiosamente, a alegria que apanhei ainda estava comigo, isto é, sentia-me feliz. E os anéis de Saturno pareciam ter ficado na minha cabeça como se eu fosse o próprio planeta.

Tinha vontade de estar em França pois quando por lá passámos subimos à Torre Eiffel e vimos quase toda a cidade de Paris. Lembro-me muito bem de ter escalado o Everest, ir até à Amazónia, comer um gelado na praia do Rio de Janeiro, subir até à Torre de Pisa, dar mergulhos no Oceano Pacífico, ir até ao Pólo Sul e ao Pólo Norte, voar sem ir para nenhum lado ao certo, sempre contigo, montados no dragão. E o mais estranho é que passámos pelos diversos lugares assim, desordenadamente, sem qualquer sequência, como dois trapezistas de um lado para o outro, de país em país, de cidade em cidade e de oceano em oceano.

Tenho vontade de voltar a estar contigo em cima do dragão para voar até muitos mais sítios. Talvez até outra galáxia. Apesar de ter sido só um sonho parece que toquei no dragão, que falei contigo e que vivi montes de aventuras.

Espero que percebas a descrição deste sonho mágico e maravilhoso, que gostava que fosse real.

Juntamente com esta carta envio-te três folhas de papel para o caso do computador do teu amigo Ramiro continuar

avariado e para que não as tenhas de pedir ao Sr. Matias.  
Mando também um envelope, assim escusas de pedir mais  
um ao teu pai.

Um grande abraço do teu amigo

Ribeiro

## A MADEIRA DE UMBILA

*Augusto Carlos*

Olá Ribeiro,

Como vê, as tuas três folhas de papel e o envelope foram indispensáveis. Mais uma vez tive de recorrer ao correio pois, infelizmente, o computador do Ramiro ainda não está consertado.

Adorei o teu sonho. O dragão que cuspiam alegria. Por vezes dou por mim a rir sozinho ao imaginar-te com os anéis de Saturno na cabeça.

Dei a novidade ao Sr. Matias de que as suas folhas de papel já haviam contemplado a outra face das nuvens. Ficou eufórico. Num ápice despachou os clientes que estavam na sua loja e quis que lhe contasse pormenores da tua carta.

Contei-lhe tudo. Contei-lhe sobre o teu sonho onde, montados no dragão, havíamos dado praticamente a volta ao mundo.

À medida que ia falando fui observando uma transformação profunda no rosto do Sr. Matias: os olhos tornaram-se esbugalhados e brilhantes; a pele da face pareceu perder as rugas, por mais esticada se tornar; o corpo, até então encurvado, ganhou firmeza; não era mais o Sr. Matias que eu conhecia. Por mais que me esforçasse, não percebia o que estava a acontecer com o meu respeitável amigo até que, resolutamente, perguntou:

– E se construíssemos um dragão voador? Um dragão onde pudéssemos viajar por esse mundo fora, como

sonhara o teu amigo. Sempre ouvira dizer que o sonho comanda a vida, embora eu saiba que este sonho é o sonho acordado. O sonho que ansiamos concretizar...

As suas palavras penetraram no mais profundo de mim. Fiquei contagiado. Construir um dragão mágico que tornasse o teu sonho realidade era para mim uma prioridade. Não percebi muito bem o que o Sr. Matias quis dizer com o sonhar acordado... O que me interessava era a construção do dragão. Do dragão que cuspsisse alegria, do dragão que me contagiasse de alegria. Feliz e eufórico, explodi numa vertiginosa verborreia como explodem, em espuma, as garrafas de sumo de caju, quando as abrimos:

– Vamos a isso, Sr. Matias. Vamos construir um dragão voador. Com o dragão voador poderemos contemplar o outro lado das nuvens, voar pelo mundo inteiro, visitar o meu amigo Ribeiro, provar o leite com chocolate de que ele fala na sua carta, comer pipocas, ir ao cinema, talvez, quem saiba, até aprender a jogar ténis. Vamos a isso, Sr. Matias. Vamos construir o nosso dragão.

Enquanto eu assim falava, o Sr. Matias parecia não me ouvir. Parecia viajar pelas nuvens, tal era o ar sonhador que evidenciava. Comecei a desconfiar que ele não me ouvia mesmo. Então, como o meu entusiasmo não esmorecia, dei-lhe um safanão no braço:

– Sr. Matias! Está a ouvir-me? Vamos construir o nosso dragão voador...

– Diz... – suspirou o Sr. Matias.

Decididamente, ele não me estava a ouvir – concluí.

– O dragão! Vamos construir o dragão – recapitulei com energia redobrada.

– Sim, meu filho, vamos construir o nosso dragão – anuiu o Sr. Matias com um brilho no olhar sonhador.

Fiquei mais tranquilo, como podes imaginar. O Sr. Matias estava interessado em construir um dragão voador. Um dragão que materializasse o teu sonho. Mas eu queria construir o dragão imediatamente. Não podia perder tempo. Queria voar. Queria ir visitar-te.

Sabes, Ribeiro, eu sabia que jamais tiveras, ou virias a ter, um sonho tão interessante e importante como o do dragão voador. Agora que o tinhas sonhado, agora que esse sonho existia, eu tinha de arranjar forma, com a ajuda do Sr. Matias, que era grande, de o realizar. Tomei a decisão de não dar tréguas ao Sr. Matias:

– Sr. Matias, em que vamos construir o dragão?

– Em madeira, Malaquias. Que melhor material queres tu do que a madeira para construir um dragão? Não há! A madeira pode ser esculpida ao nosso gosto. Não pode ser qualquer tipo de madeira, vamos utilizar a *umbila*. A madeira de *umbila* é macia e resistente. É uma madeira que se deixa moldar. É uma madeira que não racha com facilidade. Portanto, rapaz, o material está escolhido.

Afinal o Sr. Matias não estava distraído. Enquanto eu falava, o Sr. Matias estava a projectar o dragão voador. Enquanto eu falava, ele já havia descoberto o tipo de material a ser utilizado na construção do dragão.

Apesar de eu vender estatuetas feitas de madeira aos turistas que visitavam Vilankulo, ainda não havia ouvido falar de madeira de *umbila*. Não fazia a mínima ideia do seu aspecto. Sabia que a madeira de raiz de mafurreira com que se faziam as estatuetas era muito branda e leve.

Sabia, igualmente, que a madeira de pau-preto, também utilizada no artesanato do norte de Moçambique, era muito rija e densa. Contudo, a *umbila* era uma novidade para mim.

– Nunca ouvi falar de madeira de *umbila* – disse com ar desconsolado, motivado pelo receio de causar má impressão ao Sr. Matias, a pessoa mais importante para me ajudar a concretizar o teu sonho.

– Não tem importância, rapaz. Há sempre uma primeira vez. Como alguém já o disse, uma grande caminhada começa com o primeiro passo. Portanto, logo à tarde vamos à carpintaria do Sr. Cossa espreitar a *umbila*.

Como deves calcular, fiquei encantado com a proposta. Lamentei apenas que não estivesses cá pois poderíamos ir os três. Seria uma oportunidade para pormenorizares melhor o teu sonho. *Mas cá nos haveremos de arranjar*, pensei.

Conforme combinado, à tarde fui conhecer a *umbila*. Apanhei um balde de água fria pois o Sr. Cossa mostrou-me umas tábuas encarniçadas que, no máximo, dariam para fazer um cavalito de madeira, daqueles que fazem para as crianças.

Apercebendo-se de que havia ficado desapontado, o Sr. Matias veio em meu socorro, sossegando-me. As tábuas que me mostravam serviam apenas para eu conhecer a qualidade da madeira. O dragão voador seria construído a partir de um tronco. De um tronco enorme. De um tronco que suportasse o meu peso e o peso do Sr. Matias. Fiquei mais descansado com a sua explicação.

O Sr. Cossa foi uma simpatia, foi buscar um formão e um maço para que eu tirasse uma lasca de madeira a uma das tábuas. Um formão é uma peça de ferramenta que tem uma lâmina afiada na ponta e, para que ele escave a madeira, batemos-lhe no cabo com um maço (uma espécie de martelo construído em madeira). Vê lá tu o que eu já aprendi!

A sensação de cortar a *umbila* com o formão foi muito entusiasmante. Naquele momento eu só queria mesmo era ter ali o tronco para começar a esculpir o meu dragão voador.

Mais uma vez o Sr. Matias veio em meu socorro, para me acalmar. Antes de se escolher o tronco, era necessário fazer um desenho do dragão que pretendíamos construir. Era necessário definir dois assentos confortáveis onde eu e ele nos sentaríamos comodamente durante os nossos voos intercontinentais. Era necessário estudar o sistema de propulsão. Era necessário dimensionar um espaço para se guardar e preservar os mantimentos...

Aos poucos comecei a ter noção do trabalho que tínhamos pela frente. Afinal, construir um dragão voador não era tarefa fácil. Mas, mais uma vez, o Sr. Matias disse-me para não me atrapalhar pois o tronco de *umbila* já existia, e isso era o mais importante. Sem o tronco não era possível construir dragão algum. O tronco já continha o dragão. A nossa tarefa era a de retirar a madeira que estava a mais. Mas para se saber que madeira retirar era necessário o projecto.

Pois é, amigo Ribeiro, neste momento encontro-me a desenhar o dragão voador. Não posso adiantar-te mais

novidades a não ser que o Sr. Matias, tão entusiasmado que anda com o projecto, deu-me mais uma das suas preciosas folhas e emprestou-me um lápis.

Bem, por hoje, já estou um pouco cansado.

Recebe pois um abraço deste teu amigo

Malaquias



## A ALDEIA MISTERIOSA E O REI SIMPÁTICO

*Madalena Vasconcelos*

Olá Malaquias!

Eu tive um sonho muito estranho. Estava a sonhar contigo. Nós estávamos num beco sem saída... foi tão esquisito, nem eu nem tu sabíamos onde estávamos e de repente começámos a ouvir barulhos estranhos a chamar por nós.

Seguimos a tal voz e no fim encontrámos uma aldeia. Perguntámos se alguém sabia o caminho de volta mas toda a gente se assustava.

Nesse instante começaram a correr para um castelo, os guerreiros tinham chegado da guerra.

Metade dos guerreiros tinha morrido e o general também. Tinha sido uma batalha renhida mas tinham ganho.

O rei entretanto reparou em nós e perguntou:

– Quem são vocês?

– Ah! Nos somos visitantes, só isso, Vossa Majestade.

– Não são muito pequenos para serem visitantes?

– Pois isso é por causa do nascimento, respondemos.

– Então vamos organizar uma festa em vossa honra.

Festejou-se a noite toda e no fim perguntei ao rei:

– Majestade posso perguntar-lhe onde é a saída desta terra?

– Então sabe por onde entrou mas não sabe sair?

O Rei, então, disse-nos onde era a saída.

Este foi o sonho que eu tive.

Espero por uma carta tua.

Adeus, amigo Malaquias.

Ribeiro

## PELOS CÉUS DA MINHA TERRA

*Augusto Carlos*

Olá grande sonhador. Estive a ler o teu último sonho e dei comigo a pensar: O Ribeiro é um felizardo: *muda de sonho como os ricos mudam de camisa*. Eu cá tenho de me arranjar com a mesma T-shirt, só a tiro para lavar. Felizmente, aqui o tempo é quente e ela seca num instante. Mas deixemo-nos de lamúrias e vamos ao que interessa. Como deves calcular, desde que me contaste o teu sonho do dragão voador, jamais tive um momento de paz. Quando estou acordado, o projecto do dragão anda-me às voltas na cabeça e, quando estou a dormir, o bicharoco materializa-se. Montado nele, contigo no lugar que há-de ser o do Sr. Matias, temos dado lindos passeios pelos céus de Moçambique. Não imaginas a minha luta interior quando, ao despertar, me assoma à consciência a realidade de haver estado a sonhar. Luto para continuar a dormir, para continuar a viajar pelos céus deste imenso país. Mas é tarde: o estômago dá horas. É urgente lavar a cara e deliciar-me com um pouco de mandioca cozida e chá preto que a minha mãe já tem preparados. Enquanto uma urgência é sanada, outra, como já te falei, começa a tomar forma na minha cabeça efervescente: os pormenores construtivos do dragão voador.

Mas hoje não quero falar-te dos desenhos do dragão voador que já vão adiantados. Quero, antes, dar-te fé dos passeios oníricos que, com ele, temos feito pelos céus da minha linda terra.

Um desses passeios oníricos que jamais esquecerei, por me ter ficado tão vívido na memória como se o tivesse feito de verdade, foi o que fizemos à Gorongosa. A atmosfera estava límpida. O sol ameno e difuso daquelas primeiras horas da manhã acariciava, ao de leve, a erva verde prenhe de gotículas de cacimbo que refulgiam minúsculas estrelas, tal qual pequenos e preciosos diamantes. De vez em quando uma elegante impala levantava, da erva que comia, a ligeirinha cabeça para olhar o nosso dragão voador. Como deves imaginar, eu e tu, não cabíamos em nós de felicidade. Daí a pouco, era um intrigado *cambaco*<sup>4</sup> com as suas longas e recurvadas presas de marfim que erguia a tromba, no intuito de compreender que objecto voador era aquele, recendendo a ser humano. Mais adiante, eram as águas tranquilas de um lago ornado de garças brancas, mais parecendo pérolas de um colar. Quando menos o esperávamos, um grupo de lépidos babuínos, apoiados nas patas traseiras, diziam-nos adeus. A seguir eram as manadas de búfalos, transportando cada um sua garça branca nos quartos traseiros, que nos surpreendiam. Os gnus, pela sua quantidade, também não passavam despercebidos e, até mesmo uma família de leões avistámos junto ao sopé de um morro de *muchém*<sup>5</sup>. A tudo, tu, agarrado à minha cintura, abrias a boca de maravilhoso espanto. O nosso dragão voador comportava-se às mil maravilhas. Sentia-me um autêntico engenheiro aeronáutico. Para ser justo,

---

<sup>4</sup> Elefante (Nota do Editor)

<sup>5</sup> Formiga Branca, nome usado em Moçambique (Nota do Editor)

terei de dizer sentíamo-nos. Pois o dragão voador havia sido construído por mim e pelo Sr. Matias.

Perante o sonho que acabo de descrever-te, podes imaginar a minha frustração ao acordar. Não fosse a promessa do *mata-bicho*<sup>6</sup> que me acenava, e de que já te falei, ninguém me tiraria da esteira, nem da capulana que me fizera companhia durante toda a noite.

Por vezes, outro contratempo se vem interpor entre os meus sonhos e a necessidade de acordar: um certo aperto na bexiga que, não sendo diligente a encontrar a porta da palhota, poderia resultar num problema diplomático com os meus pais, sempre pouco tolerantes com os meus descuidos nocturnos.

Mas deixemos as desgraças de lado pois a vida é bela, quando se anda entusiasmado com o que se faz. Calcula tu que no outro dia pus-me a pensar no quanto nos poderia ser útil o dragão voador para nos ajudar a sair duma enrascada como aquela que contas na tua última carta.

Não queiras saber os calafrios que senti ao imaginar-me perdido num beco sem saída onde, as pessoas, em vez de me ajudarem, se assustassem com o meu aspecto, como se de um *patinho feio* se tratasse.

Agora, pondera que, numa situação idêntica, já possuíssemos o dragão voador! Não te parece que seria tudo muito mais simples? Eu explico-te porquê. Cá na minha terra, os bandos de macacos, quando se alimentam nas savanas, têm o cuidado de colocar um espia no topo de um morro de *muchém*. Os morros de *muchém* são

---

<sup>6</sup> Pequeno-almoço

formigueiros, construídos em argila que se elevam a vários metros acima do nível do solo. Deste modo o bando pode alimentar-se descansado pois, à menor suspeita da existência de um predador por perto, o guia emite um sinal de perigo, permitindo a fuga dos companheiros para um local seguro.

Com os macacos aprendi que dum ponto elevado se possui uma visão privilegiada – se alarga o nosso horizonte visual. Logo, no caso concreto do teu sonho, estaríamos a salvo se já possuíssemos o dragão voador. Ao levantarmos voo, teríamos uma visão abrangente do local onde nos situávamos e, assim, ser-nos-ia muito mais fácil encontrar o caminho de regresso.

É por estas e por outras que não consigo tirar da cabeça o meu dragão voador, que não consigo sonhar com mais nada que não esteja com ele relacionado. Se queres saber mesmo a verdade, por vezes o meu entusiasmo é tal que chego ao ponto de não conseguir discernir se estou a dormir e a sonhar ou se estou acordado e a completar o meu projecto.

Algumas vezes, ao ver-me numa excitação tão grande, o Sr. Matias vem em meu auxílio. A sua presença faz-me bem, traz-me confiança. Com palavras calmas e sensatas, diz-me que é muito bom sonharmos enquanto estamos acordados, que os sonhos que sonhamos enquanto estamos acordados se realizam. Por isso, diz ele, é muito importante sabermos escolher os sonhos que desejamos sonhar enquanto estamos acordados. Sonhos que devem contribuir para o nosso bem, ao mesmo tempo que não devem colidir com o bem dos outros. Não percebo muito

bem o que o Sr. Matias me quer transmitir com estas palavras. O que não tenho dúvidas é de que com elas me sinto reconfortado e mais seguro para continuar a executar o meu projecto do dragão voador.

Olha, Ribeiro, não sei se te consegui transmitir o entusiasmo em que a minha vida está transformada, contudo, uma coisa quero que saibas: tu és a razão desta minha grande alegria. Tu, ou melhor dizendo, o teu sonho do dragão voador.

Até breve.

Recebe um apertado abraço deste teu amigo,

Malaquias





## A CORUJA FALANTE

*Emília Cid*

Olá, meu amigo Malaquias, estamos quase no Natal.

Sabes, lembras-te daquele sonho que tive e do qual te falei? Acreditas que tive outro?

Éramos pequenos e estávamos sentados num banco e eu tinha um chocolate a meu lado. E tu falaste assim:

– Ribeiro, por favor, dá-me um pouco desse teu chocolate?

– Não posso – respondi-te – foi a minha mãe quem mo deu.

Ficaste muito chateado comigo... e por mais de duas semanas. Até que um dia, estava eu a dormir, ouvi umas batidelas na janela do meu quarto. Acendi a luz e vi que era uma coruja. O animal olhou para mim e percebi que me queria dizer algo. Levantei-me e, dirigindo-me à janela, abri-a. A coruja falou-me assim:

– Posso entrar para falar contigo, por favor? É por causa do teu amigo.

Respondi-lhe que não. Era muito tarde e estava muito cansado. Mas a coruja insistiu e, por fim, deixei-a entrar. Sobrevoou o meu quarto e pousou no cimo do armário. Depois continuou, dizendo que tinha muitas coisas interessantes e que já tinha ajudado amigos nossos. Lembrei-me do João e do António, eles ainda ficaram mais amigos do que antes.

Falámos durante horas e parecia que o tempo voava. Depois, de repente, a coruja falante já lá não estava. Achei estranho mas, depois, passou-me.

Vesti-me depressa e nessa manhã encontrei-te no caminho para a escola. E perguntei-te:

– Gostava de ser de novo teu amigo. Posso?

Tu respondeste:

– Claro que sim.  
Deste-me um grande abraço e seguimos juntos para as aulas...

Espero resposta.  
Um grande abraço do teu amigo

Ribeiro

## UM MUNDO MAIS JUSTO

*Augusto Carlos*

Hoje é para mim um dia feliz: recebi carta tua. Não calculas a alegria que sinto quando o meu pai traz a correspondência e vejo que uma das cartas é para mim. Não é uma carta qualquer, é uma carta vinda da Europa. Uma carta do meu grande amigo e sonhador Ribeiro. Adorei o teu sonho da coruja. Não o substituo pelo sonho do dragão voador, porque ando muito entusiasmado com este projecto. Mas, acredita-me, uma coruja gigante também daria um veículo muito impressionante para eu e tu viajarmos.

Além disso, a coruja é uma ave muito interessante. Uma ave relacionada com a deusa Minerva – deusa romana da sabedoria e das artes – que não dispensava a companhia de uma coruja. Espero que a deusa Minerva me dê inspiração para completar o projecto do dragão voador. Peço-te só mais um bocadinho de paciência que dele já te darei novas.

Quanto ao chocolate, tenho a certeza que o não quiseste compartilhar comigo porque estavas a sonhar. Pelo que de tí conheço, és um «mãos largas» – tudo o que é teu, é, igualmente, dos teus amigos. Fosse essa a característica da maioria dos seres humanos, poderíamos estar descansados – o mundo seria bem mais justo. No entanto, eu sou um rapaz esperançoso. Estou convencido de que hoje, será um menino a agir como tu, amanhã, outro lhe seguirá o exemplo, depois de amanhã, outro e, como diz o ditado, *baguinho a baguinho enche a galinha o papinho*. Deste modo, o bem será cada vez mais uma realidade nas nossas sociedades.

Bem, deixemos as tristezas para lá, como dizem os brasileiros. Cá fico à espera que me envies mais sonhos.

Admiro a tua capacidade para sonhar e recordar os sonhos. Eu, infelizmente, sou muito diferente. Devo sonhar como toda a gente. No entanto, raramente me recordo dos meus sonhos.

Como o prometido é devido, e não te tendo eu falado do projecto do dragão voador na última carta, vou fazê-lo agora. Nem queiras saber a quantidade de desenhos que já fiz. Quando iniciei este projecto não me passava pela cabeça que desse tanto trabalho.

Ultimamente tenho andado a estudar o mecanismo de propulsão do dragão. O Sr. Matias teve uma ideia genial: aproveitar a corrente e os pedais de uma bicicleta velha. Já idealizei como fixar os pedais. Farei um furo de um lado ao outro do tronco, por onde passará o veio que unirá o pedal da esquerda ao da direita. A corrente trabalhará na roda pedaleira, também aproveitada da mesma bicicleta, e irá fazer rodar um veio mais pequeno que provocará o batimento sincronizado das asas. O pormenor de todo o sistema está engraçadíssimo.

Parecia já estar a ver o dragão a levantar voo quando, o Sr. Matias, ao olhar demoradamente para o desenho, fez uma careta e alvitrou que, sendo o dragão já de si bastante pesado, tínhamos ainda de contar com o peso dos dois passageiros, pelo que talvez não fosse má ideia reforçar o sistema propulsor.

Não queiras saber o *balde de água fria* que levei. «Como acrescentar o sistema propulsor, Sr. Matias? Este projecto custou-me tanto a fazer!» – gritei com as lágrimas nos olhos. Ao ver-me desesperado, o Sr. Matias pediu para eu me acalmar. «Com calma tudo se resolve. Não te preocupes» – assegurou. E foi verdade: as suas palavras transmitiram-me tal serenidade que pude olhar para o desenho com toda a calma deste mundo. Ao ver-me assim calmo, o Sr. Matias perguntou:

– Que poderemos fazer para melhorar a potência da nossa nave?

Olhei para ele sem saber o que responder. Contudo, o Sr. Matias tinha uma fígada:

– Olha lá, nós somos dois, não somos? Dois a sobrecarregarmos o dragão voador.

– É verdade, respondi.

– Então, Malaquias, por que não pedalarmos os dois?

Finalmente, fazia-se luz na minha cabeça:

– Vamos colocar mais um par de pedais?

– Isso mesmo, rapaz inteligente – respondeu o Sr. Matias, com um sorriso que ia de orelha a orelha.

Mas, ó Ribeiro, não podes imaginar a surpresa que ainda me esperava. Comecei a idealizar como interligar toda aquela geringonça. A solução não me parecia nada fácil. Então virei-me para o Sr. Matias e fiz-lhe a pergunta:

– Como vou ligar uma roda pedaleira à outra e, por sua vez, às asas? Isto está a ficar muito complicado.

– Ó rapaz, está a ficar complicado porque queres. Nós temos o mau hábito de complicar o que é fácil... – e deixou a frase no ar, mantendo o sorriso maroto.

– Não estou a perceber!?

– O que queres inventar, Malaquias? Já inventaste tudo. Coloca outro par de asas!

Estava à espera de tudo, menos desta resposta. Fiquei desconcertado, pois jamais poderia imaginar o dragão voador com quatro asas. Após me recompor da surpresa, abracei o Sr. Matias com todas as minhas forças.

Bem, esta carta já vai longa e estou a ficar com sono.

Recebe pois um abraço amigo,

Malaquias



A GRUTA ASSOMBRADA  
*Bohdan Piklhyk*

Olá Malaquias,

Recebi todas as tuas histórias e gostei imenso de “um mundo mais justo”, mas também gostei muito das outras. O dia de ano novo já passou. Já estamos em 2011. Pois o tempo passa rapidamente. Lembras-te que eu tinha um sonho? Então eu sonhei outra vez. Mas desta vez eu sonhei que estava no carrossel e só tinha um bilhete para andar nele e depois tu perguntaste-me se podias andar comigo de carrossel, mas eu disse que não podias andar comigo porque a minha mãe não queria gastar mais dinheiro. Mas eu tinha ainda algum que a minha mãe me tinha dado e fui comprar mais um bilhete para ti.

Depois, tu quiseste ir a minha casa e eu disse que sim. Quando a minha mãe te viu deu-te um beijo na cara e disse:

– Olá Malaquias, estás bem?

E tu respondeste que sim ,que estavas bem, e fomos brincar para o meu quarto com os meus carros novos. Depois a minha mãe chamou-nos para almoçarmos juntos e tu respondeste que sim: «- Pode ser». Mas quando eu pedi para ir ao jardim brincar a minha mãe disse que não, que não queria que eu sujasse a minha roupa nova. Então eu decidi ir trocar de roupa. Mas quando a minha mãe ouviu o toque de telemóvel, afastou-se e foi falar. Quando voltou disse:

– Malaquias tens de ir para casa porque a tua mãe te está a chamar.

Ao que tu respondeste:

– Chau até manhã, e foste-te embora.

No dia seguinte fui chamar-te para irmos brincar para a rua. Quando saíste eu disse:

– Vamos para aquela caverna que encontrámos anteontem.

– Mas essa caverna está assombrada, disseste tu.

– Quem está assombrado és tu, não a caverna. Olha, o monstro não é nada, é só uma árvore. Mas porque tens tanto medo desta caverna?

– Já te disse que esta caverna está assombrada. E não é só porque está escuro, boa, esta caverna serve como um esconderijo, mas eu tenho medo deste sítio.

– Então vai-te embora daqui, medricas!

– Não sou nada!

– Então vamos acampar aqui três noites.

– Três noites????!!!!!! Eu não vou conseguir ficar aqui esse tempo todo.

– Vais, vais. Claro que vais! Olha, chau, vou para casa. Amanhã encontramos-nos na caverna.

– Está bem.

Quando cheguei a casa a minha mãe perguntou onde tinha estado e eu disse que estive em tua casa.

– Mãe! Posso ir acampar amanhã, os três dias seguidos?

– Está bem.

– Chau, mãe. Obrigada.

No dia seguinte cheguei a tua casa e chamei-te.

– Olá, estas pronto para acampar?

– Sim, estou pronto.



E tu acampaste comigo três dias seguidos e depois acabou o meu sonho.

Chau, Malaquias. Boa sorte na tua vida.

Ribeiro



## O PRIMEIRO VOO

*Augusto Carlos*

Hoje foi outro grande dia para mim, recebi carta tua. Estou a ver que, para além de sonhador, tu és igualmente corajoso. Ainda bem que esse acampar três noites, junto à caverna que eu achava assombrada, foi apenas um sonho. Na realidade, não me apanhavas lá de jeito nenhum, tenho pavor a coisas esquisitas.

Quanto a andar de carrossel, podias contar comigo. Como sabes, adoro viajar. Não vejo a hora de o meu dragão voador estar pronto.

Por falar no meu dragão voador, tenho os pedais montados assim como todo o sistema que acciona as quatro asas. O pior desta geringonça é que é necessária uma força descomunal para a pôr em funcionamento. A máquina está muito perra. O Sr. Matias é de opinião que com lubrificação e uso, as peças exercerão menos atrito umas sobre as outras e a máquina exigirá menos esforço para funcionar. Deus o ouça.

Apesar do optimismo do Sr. Matias, começo a pensar que esta engenhoca é pesada demais. Começo a pôr sérias dúvidas que alguma vez consiga voar! O Sr. Matias, que sempre me apoiou neste projecto, está a ficar muito velho. Sinto-me um pouco preocupado e só, com este menino nos braços.

Com certeza já te apercebeste de que o meu estado de espírito de hoje não é grande coisa. Ultimamente, como se costuma dizer, tenho andado um pouco em baixo. O Sr. Matias diz-me para não me preocupar, que o meu estado

de espírito resulta de eu estar a crescer e, aos poucos, entrar em contacto com a dureza da realidade.

Não duvido de que o Sr. Matias esteja cheio de razão. No entanto, amigo Ribeiro, acredita-me: colocar em dúvida todo um projecto que me levou anos a sonhar é duro demais.

O Sr. Matias, quando me vê mais desanimado, dá-me uma palmada nas costas e diz-me que é chegada a altura de eu deixar o ninho, de começar a voar. Diz-me que os meninos são como os pássaros: há um momento certo a partir do qual têm de se desenvencilhar sozinhos. Por outras palavras, percebi que ele me incentiva a fazer-me à vida.

Estou cheio de medo, é natural. Os pássaros a que ele se refere também têm muito medo de fazer o primeiro voo. Têm medo de se lançarem no vazio. Com os rapazes, estou a ver que se passa o mesmo. Têm medo de abrir caminho, de iniciar uma vida nova.

Bem, não quero ser muito pessimista. Afinal, todo o trabalho que realizei com o dragão voador, não foi em vão. Aprendi a projectar, a trabalhar a madeira e, sobretudo, a sonhar. O Sr. Matias diz-me que os sonhos nunca se perdem, que apenas se vão encaixando uns nos outros e que é este processo que constitui a vida.

Não sei bem o que dizer disto tudo. Numa coisa o Sr. Matias parece ter razão: estou a ficar crescido. Vou estar atento ao que a vida me destina. Numa próxima carta, talvez já tenha mais certezas e, nesse caso, dar-te-ei novas.

Cá fico à espera de mais um sonho teu com a esperança, como diz o Sr. Matias, de que os sonhos nunca se percam – que apenas se vão encaixando uns nos outros.

Até lá, recebe um abraço do teu amigo

Malaquias



## O MUNDO SUB-REAL

*Inês Soares*

Olá Malaquias, espero que o teu estado de espírito já esteja em alta, é só para te dizer que deves continuar com o projecto do dragão, pelo que me tens contado está a ser muito divertido e, sobretudo, está a ficar o máximo!!!

Como sabes eu sou um rapaz muito sonhador e, como tal, já deves calcular que tenho mais um sonho para te contar.

Desta vez... Estava aí ao pé de ti!!

Acordei de manhã, com o galo a cantar e com a minha mãe a refilar que eu já estava atrasado para as aulas. Então, levantei-me da cama em três tempos, fui à casa de banho fazer parte da minha higiene e logo de seguida fui tomar o pequeno-almoço que já não me recordo bem o que foi, só sei que não era do meu agrado, lavei os dentes vesti a minha roupa lavada e... já estava pronto para o meu dia de aulas. Fui buscar-te a casa e depois fomos juntos para a escola.

Íamos tão distraídos a falar que fomos sempre em frente sem ver onde estávamos. Já tinha passado algum tempo e já deveríamos ter chegado à escola... mas não. Então parámos, olhámos à volta e não nos pareceu familiar. Demos, assim, conta que estávamos perdidos. Por isso, tentámos voltar atrás mas só andávamos às voltas e íamos sempre ter ao mesmo sítio. Até que tu viste uma pequena figura desenhada na árvore. Foste ver e, de repente, ouvimos um helicóptero... Ao pensar que não conseguia-mos sair dali comecei a pedir socorro, mas,

como já era de esperar, não me ouviram. Então, eu chamei-te para perguntar porque não me tinhas ajudado a chamar por ele.

Então, como não me respondias, pensei que estavas escondido atrás da árvore.

Procurei-te à volta dela e, quando dei conta, estava a cair num buraco que não existia.

De repente, cheguei a um mundo desconhecido, onde te vi a chorar junto a uma pista de jogos. Fui logo a correr para te perguntar o que tinhas e tu respondeste assim:

– Pensava que estava sozinho, porque não te tinha cá.

– Então não chores mais, porque cá estou eu de novo.

– Como vamos sair daqui? – perguntavas tu.

Quando acabaste de dizer a última palavra, estava eu a acordar, agora, na realidade, com a minha mãe a barafustar porque já devia estar preparado para ir para a escola aprender inglês, logo de manhã.

Espero que a tua próxima carta seja para me dizer que já acabaste o dragão.

Já agora, dá cumprimentos ao Sr. Matias e diz-lhe também que o admiro muito.

Até à próxima, um abraço apertado do teu amigo que nunca te esquece

Ribeiro



A SURPRESA  
*Augusto Carlos*

As amizades são como o vinho, quanto mais velhas melhor. Digo isto, por me sentir cada vez mais feliz com as cartas que me envias. Sinto que o passar dos anos nos tem aproximado, que cada vez aprecio mais os teus sonhos e que a vida é também isto: possuímos amigos. Eu sou um felizardo por te ter como amigo.

O teu novo sonho corrobora este meu pensamento. Afinal, eu não estou só, tenho-te a meu lado.

Dei os teus cumprimentos ao Sr. Matias, que ficou muito sensibilizado, agradece e retribui.

Para além de seres sonhador, começo a achar que talvez também sejas bruxo, pois, como calculavas, eu concluí o dragão voador.

Hoje estou com melhor estado de espírito, mais realista. O dragão voador é pesado como o Diabo, como se costuma dizer. Ninguém consegue pôr aquela geringonça a voar, por mais que pedale! No entanto, apesar desta contrariedade, já tenho idade para entender que o objectivo do Sr. Matias não foi tanto que o dragão voasse, mas, sim, que eu conseguisse manter vivo um sonho, empenhando-me para o concretizar. Esse objectivo foi atingido. O dragão voador está aí. Foram anos sucessivos de projectos, de trabalho duro, de entusiasmo e abnegação. Quando se quer muito uma coisa, conseguimos-la.

Como te disse na última carta, o Sr. Matias está velhinho. Resolveu, por isso, trespassar a sua mercearia. Deste modo, conseguiu um pé-de-meia para a sua velhice

e, igualmente, fazer-me uma grande surpresa que, tenho de confessar, não estava à espera.

Um dia destes, pela manhãzinha, bateram à minha porta. Surpreendida, por ainda ser bastante cedo, a minha mãe foi abri-la. Constatou, então, tratar-se do Sr. Matias e foi chamar-me. Já estava acordado, mas gozava ainda os últimos momentos de saborosa preguiça antes de me levantar.

Os raios solares que despontavam feriam-me os olhos. Protegi-os com a mão esquerda fazendo de pala, enquanto franzia o sobrolho.

– Vai lavar a cara e acompanha-me – ordenou o Sr. Matias, decidido.

– Está bem, não me demoro nada – respondi, meio atarantado.

Quando saí de casa, o Sr. Matias, pondo-me o braço sobre os ombros, disse-me que entrasse no táxi que estava à nossa espera. Ia levar-me a um sítio que certamente iria adorar.

Devo ter ficado com cara de caso, pois ele sentiu necessidade de dizer para me acalmar:

– Logo, logo irás descobrir o que te espera. É só mais um pouquinho de paciência.

– Está bem – anuí, com um sorriso nos lábios. Adorava aquele velhinho.

Passado algum tempo, vi o táxi entrar no recinto do Aeroporto de Vilankulo. Muito enérgico, o Sr. Matias, sempre comigo a seu lado, dirigiu-se a um escritório e, depois de cumprimentar o senhor que lá estava, observou:

– É este o rapaz de que lhe falei. O rapaz que queria voar num dragão voador. Ele, tal como eu, sempre sonhou voar. Conforme o prometido, aqui tem o seu aluno.

Nem queria acreditar no que os meus ouvidos escutavam. A partir daquele momento comecei a aprender a pilotar avionetas. Tenho tido muitas aulas teóricas, mas também já fiz alguns voos sobre Vilankulo e arredores.

No dia em que o Sr. Matias me deixou na escola de pilotagem situada no Aeroporto de Vilankulo, disse-me com convicção:

– Sei que vais ser piloto. Não te esqueças do que certo dia te disse: os sonhos que sonhamos enquanto acordados serão concretizados.

Percebi, naquele momento, o significado das palavras que me dirigiu sobre este assunto, enquanto eu era ainda pequeno. Depois, ele acrescentou:

– Não te esqueças que eu quero ver o outro lado das nuvens.

Bem, Ribeiro, sei que estas novidades te vão encher de alegria. Como podes calcular, extravaso de alegria cuspida pelo dragão voador... O Sr. Matias tem sido para mim um pai, não vejo a hora de lhe poder retribuir um pouco do amor que me tem dado.

Cá fico à espera de carta tua.

Até lá, recebe um grande abraço deste amigo que te adora.

Malaquias



## O MEU MUNDO

*Bruna Castelo*

Olá meus amigos Malaquias e Matias!

Como vão as coisas por aí em Moçambique? Sabiam que a minha mãe foi agora para Vilankulo na costa de Moçambique?! Vai descobrir outro mundo! Bem, bem, bem... Deixemo-nos disto. O que vos vou agora dar é a chave para o meu mundo um mundo que só vocês irão conhecer! Bem abramos as portas e entremos. Como já deves ter reparado, no meu mundo existem várias cores e vários doces e o algodão doce é de várias cores: rosa, azul, amarelo e até verde!

O chocolate é super cremoso e quando se dá uma trinca vêm todos os sabores à boca: chocolate branco, preto e de leite

Também existem os animais e as pessoas misturadas que não faz mal! Os espaços são verdes, não há auto-estrada nem poluição, nem governador para nos chatear! Eh! Eh! Eh! No meu mundo podemos ser quem nós queremos que toda agente gosta de nós.

Mas como em todos os sonhos há um lado mau, ou seja: no meu mundo, há o lado dos tristonhos, aqueles que estão sempre de cabeça baixa, foi aí que eu conheci a maior parte das pessoas: a Maria triste, a Sofia cabeça baixa, o Sr. Matias sonhador, a Ana Martinho tristonho entre muitos outros...

E foi nesse tal sítio que eu te conheci, estavas todo vestido de cinzento, andavas a arrastar os pés como um pobre vagabundo. Foi então que eu resolvi ir falar contigo!

Perguntei-te o que se passava contigo para estares tão triste.

E tu respondeste que nunca tinhas comido algodão doce e que tu e o Sr. Matias tinham um desejo enorme de ir para o lado feliz e cheio de cor!

Mas as outras raparigas, a Maria triste, a Sofia cabeça baixa e a Ana tristonha, ouviram e também quiseram vir connosco. Como o meu mundo está sempre pronto para qualquer pessoa, vocês foram bem vindos! Logo, quando o Sr. Matias entrou e viu este mundo maravilhoso, começou aos pulinhos e a bater palmas e deu-me um grande abraço! Obrigada, Senhor Matias, adorei o seu abraço!!

Beijinhos para ti, Malaquias, e para o Sr. Matias.

Do teu grande amigo

Ribeiro

## O MUNDO DAS CORES

*Augusto Carlos*

Olá Ribeiro,

Como não podia deixar de ser, adorei o teu mundo. O mundo da alegria para onde eu e o Sr. Matias entrámos. O mundo das cores, do algodão doce e dos chocolates. O mundo onde as pessoas e os animais podem conviver. Contudo, o que mais me encheu de alegria foi saber que a tua mãe vem a caminho de Vilankulo. Estou feliz. Mais do que feliz, estou eufórico. Vou poder mostrar-lhe um pouco de Moçambique visto de cima. Como te dei a conhecer na última carta, estou a aprender a pilotar avionetas. No outro dia viajei com o meu instrutor sobre a Gorongosa. Materializou-se, finalmente, o sonho que há tempos havia sonhado, quando eu e tu sobrevoámos, precisamente, esta reserva natural, montados no dragão voador.

É agora chegado o momento de sobrevoar a Gorongosa na companhia da tua mãe.

Já sei o que vou fazer quando concluir o meu brevet: transportar turistas pelos céus do meu lindo país.

No outro dia, satisfiz o grande e antigo sonho do Sr. Matias: ver o outro lado das nuvens. Ficou tão feliz que me disse poder agora morrer descansado.

Finalmente, compreendo o que, em tempos, o Sr. Matias me assegurara: «Os sonhos vão-se encaixando uns nos outros. Este processo é a essência da vida.»

Cá te espero para o nosso voo triunfal, se não no dragão voador, numa avioneta confortável que concretizou o meu

sonho de voar. Afinal, é verdade: os sonhos, enquanto acordados, realizam-se.

Até sempre, amigo Ribeiro.

Malaquias



**Escola EB 2,3 Eugénio dos Santos**

**Rua Luís Augusto Palmeirim, 1700-272 LISBOA**

**Tel. 218 429 940 Fax 218 429 945**

Endereços de E-mail:

**sec.eugeniosantos@gmail.com** (assuntos de carácter geral)

**dir.eugeniosantos@gmail.com** (Direcção)

